

FORMAS "PROIBIDAS" EN *SEMPRE EN GALIZA*

JOAM CARLOS RABADE CASTINHEIRA
IB. Corunha

A) Introduçom

I. Pressupostos ideol3gicos da conformaçom do Estado espanhol

Estes pressupostos explicam em grande medida a concepçom idiomática do galego e o português, e a partir desta e, em certa maneira (ainda que com a existênciade de outras condiçoms), a praxe lingüística de Castela.

Embora considere (e de facto assi luitou como luitou) que a consecuçom do Estatuto de Autonomia é positivo para Galiza, o princípio de partida de Castela, como se desprende de toda a obra, é o da autodeterminaçom, da soberania de Galiza e das diferentes naçoms do Estado espanhol, e a resultas desse princípio, a possibilidade de estabelecer umha federaçom solidária ibérica (na qual inclui Portugal), sem deixar de descartar, frente a um assimilacionismo hegemónico de Castela, a independênciade de Galiza, mais bem concebida como "movimento de desesperaçom" perante dita realidade (1). Em concreto afirma que "sóio caben duas formas de salvación: acabar coa hexemonía de Castela ou proclamar a independencia; a federación ou a secesión" (2).

Ora bem, patenteia-se ao longo de *Sempre en Galiza*, que dessas duas formas de salvaçom Castela prefere a federaçom dos povos hispánicos a partir desse reconhecimento prévio do direito à autodeterminaçom e à soberania nacional, comparando-o com o reconhecimento do direito ao divórcio (3). Tal federaçom estaria baseada na perspectiva da solidariedade nas cessions mútuas das diferentes naçoms do Estado (para el, as quatro que possuem os quatro idiomas e culturas diferenciadas: Castela, Catalunha, Euskádi e Galiza (4)): "Agora ben, nós queremos ceder da nosa natural soberanía todo canto cedan as demás nacionalidades hespañolas, a fin de constituirmos un Estado rexido pol-a

(1) A ediçom que manejo de *Sempre en Galiza* é a de Akal, *Obra Completa*, 2, 2ª ed., Madrid, 1977. Para o aqui indicado vid. as pp. 53-56. Em adiante, as páginas que indico em nota e nom vam precedidas da obra referem-se a esta ediçom.

(2) P. 404. Vid. tamén as pp. 447, 455 e 457.

(3) P. 321.

(4) P. 323.

máis pura democracia (democracia fundada na liberdade), onde sexa imposible o privilexio e a servidume" (5).

Partindo de que "o territorio *galego* sigue dividido politicamente pol-a fronteira que separa a Portugal de Hespaña" (6) (a cursiva é nossa), concebe este Estado federal sob a integración e total fusom de Galiza e Portugal: "No fondo insobornable da nosa alma bule o anxeio de achegarnos a Portugal e confundirnos con él" (7), integración cultural e sócio-económica (8), a partir da consideración de que Espanha seria o Estado e Portugal a Naçom (9).

2. Pressupostos ideolóxicos da concepción idiomática do galego face ao espanhol e portugués

Castelao começa afirmando que o galego é um idioma, nom um dialecto (10) ou corrupçom dialectal do espanhol ou do portugués (11).

Em muitos casos fala da expansom da nossa língua (e cultura) em Portugal, onde triunfa (12), reina (13), florece (14) e é utilizada por mais de sessenta milhons de seres (15).

A esperanza de confederaçom com Portugal é parella à de volver a cantar e falar no mesmo idioma (16), que engrandeceria a Espanha confederada (17).

A consideraçom por parte de Castelao de galego e portugués conformarem um mesmo idioma fica patente na páxina 288 de *Sempre en Galiza*, em que, somando-se aos critérios do P. Feijoo, afirma que a língua galega nom é distinta da portuguesa, por serem poucas as vozes que discrepam nas duas formas dialectais.

Em numerosos casos aponta a importância da extensom do galego em usuários e da possibilidade de intercomunicarem-se (18): é um idioma extenso e útil (19), capaz de ser veículo de cultura universal (20), polo qual tem direito ao

(5) P. 323. Vid. tamém as pp. 447, 459-463 e o final da obra (477).

(6) P. 225.

(7) P. 334.

(8) P. 362.

(9) P. 365.

(10) P. 42.

(11) P. 287.

(12) P. 37.

(13) Pp. 237 e 285.

(14) Pp. 241 e 293.

(15) Pp. 41 e 241.

(16) Pp. 225, 227, 353, 360, 279, 335.

(17) P. 279.

(18) P. 446.

(19) Pp. 41-42 e 466.

(20) P. 108.

respeito das gentes cultas (21) e um porvir extenso (22). E di, contrastando abertamente com as teorias reducionistas, próprias de um micro-regionalismo lingüístico que hoje tanto pulula polo oficialismo: "Convén ponderar o valimento dos idiomas, distinguindo aqueles que tenhem rango mundial dos que, con seren moi respetabeis, non saírom endexamáis do berce nativo" (23).

3. A teoría e a praxe lingüística de Castelao

Umha visom de conxunto da praxe lingüística de Castelao oferece-nos, de umha perspectiva actual, os erros mais comuns à sua época: arcaísmos, pseudo-galeguismos, vulgarismos, dialectalismos e tamén castelhanismos. Mas, em contraste com outros autores da época, vinculados às Irmandades da Fala, à Geraçom Nós ou ao Seminário de Estudos Galegos, qualitativamente o seu galego é bastante cuidado nom abuso dessas formas incorrectas, se exceptuamos especialmente os cultismos pseudo-evoluídos, aliás bastante freqüentes nos autores coetâneos. Nota-se, assi mesmo, salvo raros casos, umha forte coerência interna nos usos lingüísticos, mesmo na repetiçom de formas incorrectas, em contraste com o galego dos autores do século XIX, onde as formas alternantes e nom coerentes som bastante habituais. Isto demostra um especial cuidado por parte de Castelao no emprego do galego escrito.

Contodo, nem Castelao era propriamente lingüista nem os seus estudos sobre o galego poderiam estar à altura destes últimos anos. Este é um dos motivos que podemos aludir para explicar a desconexom existente entre umhas teorias lingüísticas profundamente reintegracionistas e umha prática só parcial e nom totalmente reintegracionista. Outra causa podemos-la atribuir, especialmente no referente ao uso das letras, à inércia cultural maioritária, com a que Castelao nom adopta umha posiçom rupturista. De inércia se trata se compararmos que, mentres Joám Vicente Viqueira tem que explicar por que emprega as letras conforme a tradiçom galego-portuguesa e o português moderno, Castelao nom se vê na necessidade de indicar por que o fai conforme o espanhol. E pode haver, enfim, umha causa entendida como mais pragmática e popular (duas características peculiares do génio cultural de Castelao), um critério pedagógico-populista: Castelao adopta a grafia mais usual na Galiza, porque em primeira instância escreve para ser lido polos galegos, polos sectores mais amplos possíveis.

Embora nos movamos no campo das hipóteses, penso que todos esses motivos, ou algum deles em especial, tivo de influir nessa desconexom entre teoria e praxe lingüística.

(21) P. 453.

(22) P. 365.

(23) P. 447.

B) As formas "proibidas" em *Sempre en Galiza*

O presente trabalho está na linha de continuidade de outro publicado por mim sobre "As formas «proibidas» nos Precursores, nos Grandes Mestres e nos Gramáticos do Século XIX" (24). Ali indico que o que eu chamo formas "proibidas" seriam aquelas que na normativa do Instituto da Língua Galega (ILG) e da Real Academia Galega (25) se desaconselham ou simplesmente nom se utilizam, quer por serem consideradas *arcaísmos* do ponto de vista diacrónico, quer por estimarem-se *dialectalismos* ou mais simplificadaamente "lusismos" do ponto de vista sincrónico.

Partindo da ideia de que os textos do século XIX representam bastante fielmente o galego coloquial da época, a recolhida desses pretensos "lusismos" corroborariam a opinião de que eram formas ainda vivas no galego falado decimonónico. No caso que agora nos ocupa nom podemos estabelecer o mesmo critério. Sabido é que os autores do século XX, familiarizados com os textos documentais e literários medievais (cousa que nom acontecia com muitos do XIX), quando nom com autores e textos portugueses, provoca umha mudança fundamental no modelo de galego escrito a empregar, consistente sobretudo na ideia de depurar o galego culto das formas espanholizadas do galego falado da época, que atentavam contra a sua integridade e genuinidade. Isto, que nom se dava nos autores do século XIX, explica a existência das incorrecções lingüísticas anteriormente indicadas e a recuperaçom de formas, muitas delas hoje por todos aceitadas, perdidas total ou quase totalmente no galego falado das primeiras décadas deste século, tendo como referência o galego documental. Poderíamos citar umha série delas que Castela recolhe em *Sempre en Galiza* e que, se hoje som admitidas por todos, nom é por obra e graça ou interesse do ILG ou da RAG, senom polo labor de difusom destas formas polos autores aludidos. Assi poderíamos indicar casos como (grafias à parte): *Deus, povo, galego, persoa, coñecer, arquivos, sen* (preposiçom), *liberdade, gañar, Natureza, apóstolo, xudeu, século, paixón, sinalar, lealdade, ameazar, cardeal, ían* (verbo *ir*), *xeral, hoste, bispo, espora*, introduçom de cultismos como *disxuntiva*, etc. Mas outras formas nom tivérom essa mesma sorte e teimosamente, por parte do oficialismo lingüístico, nom hai vontade de recuperá-las, o que demostra umha política incoerente com os casos já consumados de assumpçom de formas. Destas falaremos e tamém de outras que, nom sendo excessivamente minoritárias, consideramos mais adequadas para a normativa, por serem comuns ou mais próximas o português.

Considero importante este trabalho dedicá-lo a *Sempre en Galiza* porque, a partir do já recolhido em textos do XIX, nom deixa de ser um contributo com pretensons de continuidade histórica, na recolhida de certas formas que nos constatam a sua *presença ininterrompida no galego documental de todas as épocas*,

(24) In *Actas do I Congresso internacional da língua galego-portuguesa na Galiza*, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha, 1986, pp. 471-520. Em adiante cito como *Actas*.

(25) Instituto da Língua Galega-Real Academia Galega: *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, Vigo, 1982. Em adiante citarei-nas como *Normas* (ILG-RAG).

para elaborar umha caracterizaçom determinada do que seria a "tradiçom" do galego moderno em certas formas, que as *Normas* (ILG-RAG) dim ter em conta e que normalmente com critérios anárquicos, passam por riba, nom só do galego antigo, mas tamém do moderno.

De por si penso que já é importante polo facto de serem utilizadas por Castelao (polo que el foi e é) e polo que a influência lingüística da leitura de *Sempre en Galiza*, nom deformada e deturpada por determinadas publicaçoens recentes, significa, junto com os escritores principais do século XIX, para os leitores das geraçoens seguintes a eles e vindoiras.

Passo já a indicar essas formas "proibidas" de *Sempre en Galiza*, considerando-as o suficientemente comentadas muitas delas no *Estudo crítico* (26) ou no meu trabalho anteriormente aludido, evitando assi repetiçoens para explicar pormenorizadamente a sua justificaçom como formas preferíveis.

1. *Grafia*

a) *Contraççoens*

Utiliza de forma quase exclusiva a contraççom da preposiçom *a* e os artigos masculinos *o*, *os*, em *ao*, *aos* (27). Recolhemos as contraççoens *ô*, *ôs* nas pp. 286 e 341.

b) *Assimilaçom do artigo*

Além de fazê-la nas contraççoens do tipo *pol-o*, *pol-a*, *pol-os*, *pol-as*, só a fai em *tódol-os* e *tódal-as* e nom em todos os outros casos em que as Normas (ILG-RAG) o consideram preceptivo e preferível.

c) *Uso da letra v*

Emprega sistematicamente a letra *v* em *povo(s)* (28), *povoado* (29), *povoación* (30), e outros derivados. Nestes casos eram tamém de uso habitual em Pondal, Curros e Pintos (31).

(26) Comissom Lingüística: *Estudo crítico das "Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego"*, Associação Galega da Língua (AGAL), Corunha, 1983. Em adiante citarei-no como *Estudo crítico*.

(27) Pp. 10, 11, 12, *passim*.

(28) Pp. 10, 13, 16, 24, *passim*.

(29) Pp. 15, 17, *passim*.

(30) Pp. 16, *passim*.

(31) *Actas*, p. 476.

Outros casos de usos de *v* temo-los em *dúvida* e derivados (32) e na palavra *traves* (33).

d) Usos do acento circunflexo

Normalmente o *e* emprega para marcar contracção, como no caso da preposição *a* e os artigos femininos *a, as* (*â, âs*). Mas também nalguns casos no infinitivo *pôr* (34) e mesmo em *impôr* (35), talvez indicando assi mesmo contracção.

2. Morfologia

a) Morfologia nom verbal

. Plurais:

A tendência normal para a formação do plural das palavras acabadas em *-l* no singular é com perda do *-l-* intervocálico, mas apresentando sobretudo umha forma arcaizante em *-aes* do tipo *sentimentaes* (p. 10, *passim*), presentes também em Rosalia e Pintos (36). No mesmo sentido registamos um caso do relativo plural *caes* (p. 374), igual que em Rosalia víramos *taes* (37).

Temos, assi mesmo, plurais de palavras acabadas em *-il* átono no singular, feitos em *-eis*: *úteis* (38) e *inúteis* (39), e plurais idênticos a partir de adjectivos terminados em *-bel*, mas neste caso concentrados todos no livro quarto: *imposibeis* (40), *sensibeis* (41), *respetabeis* (42), *posibeis* (43), *memorabeis* (44), *irrebatibeis* (45) e *favorabeis* (46).

(32) Pp. 10, 48, 57, *passim*.

(33) P. 135.

(34) Pp. 212, 290, 317, 331, 369.

(35) P. 331.

(36) *Actas*, p. 478.

(37) *Idem*.

(38) Pp. 111, 204.

(39) Pp. 94, 100, 133, 277, 347, 402.

(40) P. 425.

(41) P. 439.

(42) P. 447.

(43) Pp. 468, 476.

(44) P. 469.

(45) P. 471.

(46) P. 475.

. Artigo:

Embora nom seja sistemático, em determinadas ocasiões emprega o artigo antes dos nomes de países: *na Galiza, na Cataluña* (47); *da Franza* (48); *da Franza e da Italia* (49), etc., como Fco. M^a de la Iglesia, Curros e Valladares (50).

. Numerais:

Utiliza sempre a forma *meio, meia* (51), tanto com o valor de numeral como de substantivos, estendendo o seu uso mesmo a casos onde nom lhe corresponde: *Edade Meia* (52), *meieval* (53), *meia ideolóxica* (54), *meiación* (55), que teriam de levar um -d- antes do i. *Meyo* é empregado nos *Cantares gallegos* de Rosalia (56).

Outros numerais som *coarenta* (57), nom *corenta, e quiñentos* (58), vocábulo este já registado em Valladares (59).

. Advérbios:

Repetidamente recolhemos os advérbios de lugar *aquén* (60) e *alén* (61), com o valor de "mais acá (de)" e "mais alá (de)". *Alén de* tamém com o significado de "ademais de" (62). Registáramos este último em Pintos, Curros e Saco y Arce (63).

A locução adverbial de dúvida, comum ao uso habitual luso-brasileiro, *por acaso* temo-la nas pp. 97 e 385.

(47) P. 103.

(48) P. 224.

(49) P. 346.

(50) *Actas*, p. 478.

(51) Pp. 26, 221, 222, 283, 330, *passim*.

(52) Pp. 52, 248, 263, *passim*.

(53) P. 66.

(54) P. 161.

(55) P. 257.

(56) *Actas*, p. 479.

(57) Pp. 249, 250, 395, 466.

(58) Pp. 68, 466.

(59) *Actas*, p. 479.

(60) Pp. 224, 361.

(61) Pp. 24, 225, 228 (adv. e subst.), 231, 237, 248, *passim*.

(62) P. 414.

(63) *Actas*, p. 480.

. Preposições:

Utiliza de maneira exclusiva a preposição *até* (64), comum a português e brasileiro, assim como tradicional, em vez da imotivada, insólita e ligada à correspondente espanhola *ata*, preconizada pelas *Normas* (ILG-RAG) (65).

Assim mesmo, aparece a preposição *após* (*de*) (66), que empregou também Curros (67), e não vem incluída nas *Normas* (ILG-RAG).

Hai casos de construção da preposição *cara* sem o reforço da preposição *a*: *cara o grande...* (p. 331).

. Conjunções:

Registamos a conjunção *nen* em três casos, como correlato de *sen* (pp. 136, 274, 277). Normalmente emprega *nin*. *Nen* já fora utilizada por Pintos e Valladares (68).

A locução conjuntiva adversativa *no entanto* achamo-la nas pp. 202 e 475.

b) Morfologia verbal

. Futuro do subjuntivo:

Ainda de rendimento considerável no século passado (69), vimos dois casos de futuro do subjuntivo em *Sempre en Galiza: cando lle conviñer* (p. 53) e *con quen mellor nos conviñer* (p. 235).

. Imperativo:

Recolhim vários casos da forma *contai* (70) em vez de *contade*. O morfema número-pessoal acabado em *-i* é bastante usual em Rosalia e Curros (71).

. Vogal temática:

A vogal temática *i* nas segundas e terceiras pessoas do Presente do Indicativo da segunda e terceira conjugações é amplamente maioritária. Assim temos: *sae* (p. 177), *constitúe* (p. 248), *doe* (p. 255), *trae* (p. 360), *soe* (p. 462); mas: *doi* (pp. 73, 133, 379), *dóiche* (p. 73), *dóinos* (p. 234), *cai* (p. 247), *traí* (pp. 135, 426), *traime* (p. 250), *atraí* (pp. 334, 336). É também maioritária no século XIX (72).

Nos verbos da terceira conjugação acabados em *-ucir* achamos alguns casos de formas sem vogal temática na terceira pessoa do singular do presente do

(64) Pp. 13, 24, 35, 97, 99, 104, 105, *passim*.

(65) Vid. pp. 131-132; Vid. também *Estudo crítico*, p. 120.

(66) Pp. 220, 247, 429.

(67) *Actas*, p. 480.

(68) *Actas*, pp. 480-481.

(69) *Actas*, pp. 481-482.

(70) Pp. 167, 385, 361, 392.

(71) *Actas*, p. 482.

(72) *Actas*, pp. 482-483.

indicativo: *conduz* (pp. 62, 304), *produz* (pp. 62, 69, 132, 412, 415). Mas aparecem também abundantes casos do tipo *produce, reduce, xace, prace*, etc.

Finalmente, só emprega a forma *quer* (73) e nom *quere*. Aliás, a primeira forma é amplamente maioritária em textos do século XIX (74).

. Outras irregularidades e outros verbos irregulares:

Utiliza sistematicamente o verbo *ouvir*, com presente do tipo *ouzo, ouces, ouce...* (75), e de maneira quase sistemática os verbos *cair* e *pôr*.

A segunda pessoa do plural do presente do indicativo de *ter* é *tendes* (pp. 167, 174, 384) e recolhemos o presente do subjuntivo de *dar* em *den* na p. 213, esta última registada em textos do século XIX (76).

A raiz *pud-*, amplamente maioritária no século XIX (77) e maioritária ainda na actualidade (mas nom` escolhida polas *Normas* (ILG-RAG) que preferem a raiz *poid-*), alterna em *Sempre en Galiza* com a raiz *poid-* do verbo *poder*. Utiliza normalmente *pud-* (*puden, pudo...*) (78) para o pretérito perfeito e *poid-* para o imperfeito do subxuntivo e o mais que perfeito (*poidese, poidera...*) (79).

Finalmente, embora empregue normalmente *disque*, achamos um caso de *diz que*, grafia que consideramos mais correcta e presente nos autores aludidos do XIX (80), na p. 382.

3. Léxico

a) Terminaçõs

. -zón:

Esta terminaçom, bastante documentada, ainda que nom maioritária no século XIX (81), nom aparece em *Sempre en Galiza*, onde achamos sempre *-ción*. Ainda assi utiliza umha série de verbos originados a partir de formas teóricas em *-zon*: *abenzoado* (p. 11), *abenzoara* (p. 192), *abenzoádoa* (p. 194), *amaldizoaba* (p. 399), *amaldizoados* (p. 278); *traizoar* (p. 284); *afeizadoo* (pp. 332, 448). Note-se que formas deste tipo também se acham nos autores do século XIX (82).

(73) Pp. 12, 18, 34, 57, 73, 78, 117, *passim*.

(74) *Actas*, p. 483.

(75) Pp. 19, 20, 26, 33, 34, *passim*.

(76) *Actas*, p. 486.

(77) *Actas*, pp. 485-486.

(78) Pp. 21, 23, 45, 187, 194, *passim* (só um caso anormal de *poideron* na p. 272).

(79) Pp. 46, 74, 165, 255, *passim*.

(80) *Actas*, pp. 486-487.

(81) *Actas*, pp. 488-489.

(82) *Actas*, p. 489.

. -zo, -za:

É notório que, na obra em que estamos a trabalhar, utiliza sistematicamente *Galiza* já desde o próprio título. Forma praticamente a única na época medieval, vai perdendo terreno cada vez mais no Galego Médio, de maneira que no século XIX só se documenta *Galiccia*. A substituição da primeira pela segunda só pode ser considerada sob a perspectiva da influência do espanhol (83), caso semelhante do que está a acontecer com a substituição de *Ourense* por *Orense*, que hoje ninguém duvida em atribuir a espanholismo.

Franza é outro topónimo que emprega sempre com a mesma terminação (84).

Desprezar, desprezo e derivados (85); *aprezar* e *aprezo* (86) e *prezar* (87) tampouco levam iode, tal como acontece em casos recolhidos de autores do XIX (88).

Servizo(s) é amplamente maioritária ao lado de *servicio(s)* (89).

Finalmente achamos um caso de *espazo* (p. 355), também documentada, entre outras com estas terminações, no século XIX (90).

. -eio/-eo, -eu/-eo, -eia/-ea:

O mais habitual som as terminações do tipo *-eo* (*alleo* (91), *creo* (92), *uropeo* (93), *apoxeo* (94), *terreo* (95), *cheo* (96), *seo* (97), *ateo* (98)) e *-ea* (*crea* (99), *chea* (100), *uropea* (101), *morea* (102), *colmea* (103), *cadea* (104). Mas

(83) *Estudo crítico*, pp. 70-72.

(84) Pp. 55, 86, 191, 213, 220, 223, 224, 227, 235, *passim*.

(85) Pp. 10, 19, 77, 157, 168, 172, 190, 264, 329, *passim*. Só dous estranhos casos de *despreciada, despreciadas* (p. 387).

(86) Pp. 444, 457.

(87) Pp. 72, 332, 342.

(88) *Actas*, p. 491.

(89) Dezaioito casos de *servizo(s)*: pp. 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 167, 174, 263, 268, 284, 287, 348, 365, 369, 391; sete casos de *servicio(s)*: 382, 399, 400, 401, 402, 403, 455.

(90) *Actas*, p. 490.

(91) Pp. 10, 13, 15, 40, 63, *passim*.

(92) Pp. 18, 25, 48, 60, *passim*.

(93) Pp. 214, 266, 279, 297, *passim*.

(94) Pp. 284, 324, 477.

(95) Pp. 164, 193, 222, 246.

(96) Pp. 65, 80, 174, 181, *passim*.

(97) Pp. 60, 82, 98, 115, 181, *passim*.

(98) Pp. 185, 192.

(99) P. 26.

(100) Pp. 17, 20, 48, 58, 98, 114, *passim*.

(101) Pp. 39, 236, 265, 266, 268, *passim*.

(102) Pp. 300, 313.

(103) P. 408.

algumas palavras levam só a terminação *-eia* (*ideia* (105), *assembleia* (106), *paseia* (107)), *-eio* (*correio* (108), *receio* (109), *paseio* (110)) e *-eu* (*Pirineus* (111), *plebeus* (112)). Também em minoria, achamos palavras com estas três últimas terminações em textos do século XIX (113).

. -bel:

Nom hai propriamente casos do singular, que sempre acabam em *-ble*. Casos do plural já fôrom indicados no apartado de Morfologia, dentro do ponto dos plurais. Algumas formas em *-bel* também as achamos nos autores do século XIX (114).

. -xe/-xen ou -e/-en:

Embora o normal sejam os vocábulos acabados em *-xe* ou *-e* (*orixe*, *orde*), hai alguns casos de plural em *-xens* (*orixens* (115), *virxens* (116)) e *xoven* (p. 456). A terminação *-axen* é própria de certas vozes de Rosalia (117).

Aparecem alternando *avantaxes* (118) e *ventaxas* (119). Em Pintos recolhêramos *ventage* ("vantagem") (120).

. -ao:

Utiliza sistematicamente *órgao(s)* e nom *órgano* (121).

. -imento:

Salvo casos mui concretos, emprega quase sempre *-imento: movimento* (pp. 68, 69, 79), *acontecimentos* (p. 71), *restablecimento* (p. 76), etc.

(104) Pp. 255, 400, 430, 432.

(105) Pp. 14, 22, 38, 40, 46, 57, 92, *passim*.

(106) Pp. 58, 59, 68, *passim*.

(107) Pp. 18, 21, 23.

(108) Pp. 25, 169.

(109) Pp. 164, 207, 208.

(110) P. 9.

(111) Pp. 323, 332.

(112) Pp. 368, 372. Também *chapeu* na p. 427.

(113) *Actas*, pp. 491-492.

(114) *Actas*, p. 493.

(115) Pp. 228, 232, 264, 266, 351, 352, 355, 374.

(116) P. 229.

(117) *Actas*, p. 493.

(118) Pp. 217, 337, 339, 341, 342, 359.

(119) Pp. 387, 436, *passim*.

(120) *Actas*, p. 493.

(121) Pp. 20, 54, 73, 74, 121, 124, 140, *passim*.

. -idade:

Pelo mesmo motivo que emprega *lealdade*, acomoda em *-idade* as palavras cultas *faculdade* (122) e *dificuldade* (123).

. -de/-Ø:

Ainda que utiliza normalmente o substantivo *mercede(s)*, em dous casos registamos *mercé* (pp. 341, 371), forma esta última mais legítima, segundo a nossa tradição antiga, e nom um espanholismo indirecto a partir de *merced* (conforme *pared: parede*).

b) Variantes léxico-fonéticas

. Tratamento do vocalismo átono:

Alguns verbos como *escrebir* (propriamente *escrever*), *sofrir* (propriamente *sofrer*) e *cobrir* mantêm o seu vocalismo tradicional na vogal átona anterior à tónica (124). Som peculiaridades que se recolhem nos autores do século XIX (125).

Para os comparativos emprega as formas *mellor e pior* (126), tal como é a nossa escolha.

Nalguns casos utiliza *direito* (pp. 384, 394, 427), forma etimológica, comum a português e brasileiro e alternante na fala com *dereito*, esta última mais empregada em *Sempre en Galiza*.

Alterna o uso do verbo *estabelecer* e *establecer* e, em menor medida, *estabrecer*, com os seus respectivos derivados. No entanto, *oferecer* é forma única (127).

. Fenómenos particulares da consoante *r*:

Som tamém sistemáticas as formas de tipo *próprio* (128), *propriedade* (129), *proprietario* (130), *pergunta* e *perguntar* (131). Temos outro caso de metátese em *perto* (pp. 257, 459) e de dissimilação em *arrastou* (p. 41), ao lado das mais habituais *preto* e *arrastrar*. Formas em abundância como *perguntar*, e amplamente

(122) Pp. 104, 124, 166, 221.

(123) Pp. 122, 132, 213, 225.

(124) Alguns casos de *escrebir*: pp. 9, 20, 23, 36, 51, *passim*; de *sofrir*: pp. 37, 46, 70, 99, 104, 110, *passim*; de *cobrir*: 16, 37, 52, 84, 104, *passim*.

(125) *Actas*, pp. 481 e 483-485.

(126) Pp. 109, 114, 128, 164, 170, 177, *passim*.

(127) *Estabelecer*: pp. 70, 159, 160, 166, 167, 212, *passim*; *establecer*: pp. 70, 78, 95, 118, 124, 125, *passim*; *estabrecer* pp. 439, 452, 460, 472, 474, 475, *passim*.

(128) Pp. 10, 15, 24, 29, 33, *passim*.

(129) PP. 11, 15, 16, 17, *passim*.

(130) Pp. 25 e *passim*.

(131) Pp. 14, 17, 19, 20, 61, 66, *passim*.

minoritárias como *perto* ou *próprio* achamo-las tamém nos textos do século XIX (132).

c) Grupos consonánticos

Indicávamos na Introdução que um dos abusos mais habituais da época eram as pseudo-evoluções, especialmente nas vocalizações desmesuradas de alguns grupos consonánticos, sobretudo *cc* e *ct*. Castela, embora não vocalize em todos os casos, há bastantes em que si o fai, em vozes que na história do galego nunca vocalizou o *c* (*abstraicións, práctico, coleitivo*, etc.). Mas noutros casos, do nosso ponto de vista, cremos que acerta ao vocalizar vocábulos como *doutrina* (p. 10 e *passim*; incluída a política e social), *perfeito* e derivados (p. 39 e *passim*), *eleitor* e derivados (p. 59 e *passim*), *reitora* (p. 103), *efeito* (p. 104 e *passim*), *respeito* (p. 130 e *passim*), *leición* (p. 172 e *passim*), *afeizado* (pp. 332, 448).

O verbo *nascer* acha-se frequentemente representado como única forma com o grupo *-sc-*, ao igual que em textos do XIX.

d) Nom uso de wau e iode

Sem o iode é omnipresente o verbo *estudar* e derivados (133). Tamém não o emprega na palavra *agravos* (p. 237).

A ausência do wau em *monstro* (p. 463), junto com a do iode de *estudar*, anteriormente indicada, documentam-se no século XIX (134).

e) Nomes próprios

Além dos topónimos já assinalados de *Galiza* e *Franza*, podemos ainda acrescentar *Alemaña* (pp. 19, 20, 51, 393) e o antropónimo *San Paulo* (p. 228), nomes tradicional e legitimamente galegos.

f) Formas soltas

. a-:

aborrecidos. Com o sentido de "enfasiados", na p. 334.

acreditou. No sentido de "crer" aparece na p. 140 e com anterioridade.

aparello. Tem a particularidade de que vai referido ao aparelho sonoro (nom "aparato sonoro"). Nas pp. 19, 21.

ar. É a única utilizada (ao lado de um *aires* referido ao clima na p. 432). Nas pp. 9, 27, 149, 267, 301, 330, 347. Documentado, mas em clara decadência, no século XIX (135).

(132) *Actas*, pp. 496-497.

(133) Pp. 19, 20, 28, 68, 95, *passim*.

(134) *Actas*, p. 499.

(135) *Actas*, p. 501.

audacioso. É forma comum à luso-brasileira, preferível a *audaz*.

. b-:

bultos. Recolhido no sentido de "pessoa ou acontecimento importante" (p. 430 e noutros casos anteriores), tem o mesmo sentido que o português *vulto*.

. c-:

comezar. Forma sem *n* amplamente maioritária (pp. 17, 23, 59, 85, 98, 99, 104, 106, *passim*), salvo em seis casos (pp. 282, 426, 430, 449, 451). *Começar* está em claro retrocesso no século passado, quando era forma quase única na época medieval (136).

concordar. No sentido de "estar de acordo", aparece nas pp. 154, 201, 202, *passim*.

coor. Em três ocasiões (pp. 45, 133, 439) frente a um caso de *color* (p. 279). É forma documentada no século XIX (137), de feitio arcaizante pola moderna *cor* (ainda perfeitamente viva no XIX).

cruzamento (p. 450). Acto de cruzar. Castelao evita a forma usual espanhola *cruze*, utilizando a comum luso-brasileira.

custar, *custe*. Som formas maioritárias com *u* (pp. 139, 295, 381, 200, 241, 477, 379, 397, 401, 246, 414, 454, 462), mas hai algum caso com *o*: pp. 123, 381, 414, 416, 272, 285. No século passado predominavam tamém as formas com *u* (138).

. d-:

demagoxías. Salientamos a acentuaçom, mais conforme à etimologia e à norma luso-brasileira (pp. 33, 371, 372). O mesmo poderíamos dizer de *perifería* (pp. 108, 204, 303) e *mílope* (p. 277).

diabos. A forma mais etimológica e comum a português e brasileiro na p. 115.

door. Regista-se em bastantes ocasiões (pp. 35, 73, 90, 97, 105, *passim*) e podemos dizer dela o mesmo que de *coor* (139).

. f-:

fechar. Normalmente emprega *cerrar*. *Fechar* na p. 23 (140).

ferrocarril. Aparece tamém ao lado de *camíño de ferro* (pp. 98, 418).

ficar. Aparece em bastantes ocasiões (pp. 115, 204, 205, 208, 211, 243, 373, 407), como tamém no século XIX (141).

fiuza. Forma já desusada, tradicional e comum a português e brasileiro. Moderno confiança.

(136) *Actas*, p. 502.

(137) *Actas*, p. 502.

(138) *Actas*, p. 503.

(139) *Actas*, p. 504.

(140) *Actas*, p. 505.

(141) *Actas*, p. 505.

flamengo. Referido aos habitantes ou idioma de Flandres. Nas pp. 259, 260, 435.

forteza. Como *fiuza*, forma já desusada pola moderna fortaleza.

.g-:

gosto e gostar. Trata-se das formas genuinamente galegas, tanto pola primeira vogal como pola construçom sintáctica com a preposiçom de (*gostar de, construçom ainda de uso no XIX* (142)).

gomo. Forma preferível à variante *gromo*, por ser aquela mais etimológica e comum a português e brasileiro.

.h-:

héroi. Forma quase comum à norma luso-brasileiro salvo na acentuaçom à espanhola.

.i-:

induvitables. Ao lado da forma habitual *induvitable*, emprega numha ocasiom a forma mais próxima da área lingüística comum ("indubitável") na p. 80.

.l-:

libertar. Hai umha certa tendência ao emprego deste verbo (pp. 75, 122, 123, 141, 169), ao lado de *liberar*, de menos uso, tal como acontecia em autores do século passado (143) e acontece no português moderno.

loiros (p. 245). Adjectivo atribuído ao cabelo dourado e nom necessariamente ao castanho.

louvar (pp. 93, 134, 170). Se as Normas (ILG-RAG) preconizam o uso de *oír* e nom de *ouvir*, teremos tamém de utilizar *loar* em vez da nossa tradicional e literária *louvar*?

.p-:

poente (pp. 353, 456). É a forma patrimonial do latim *ponente* que tamém se acha em Fco. M^a de la Iglesia (144).

ponto (pp. 453, 454, 468). Trata-se da recuperaçom da forma genuinamente galega e comum a português e brasileiro. Nom hai nengum tipo de explicaçom possível da passagem de *ponto* a *punto* no galego falado, se nom é outra mais das substituiçoms de formas galegas legítimas polas correspondentes espanholas.

populaci3n (pp. 445, 447). Voz culta, comum à norma luso-brasileira, que estabelece a distinçom entre *povoaçom* (enclave geográfico, conjunto de edifícios) e *populaçom* (conjunto de indivíduos).

(142) *Actas*, p. 487.

(143) *Actas*, p. 508.

(144) *Actas*, p. 486.

. r-:

ramo (pp. 288, 353, 422). Está utilizada esta palavra com o significado de "póla de umha árvore". É a forma tradicional e mais corrente no português e brasileiro moderno.

. s-:

sáfase (p. 26). Forma com *s-* inicial que necessariamente nom representa umha pronúncia sesseante, pois umha pronúncia de tipo /safár/ é habitual nas zonas nom sesseantes. Contudo, alterna com *zafarse* (p. 413).

son (pp. 344, 452). Forma genuína e nom *sonido* que é um claro espanholismo. É de uso mui habitual no século XIX (145).

sino (p. 425). Ao lado de *campá* (p. 425), o *sino* é de maior tamanho e a *campá* mais pequena.

standardización (p. 22). Só indicar que essa é hoje a forma padrom luso-brasileira, com dous *d*.

sul (pp. 353, 354, 372, 412, 431, *passim*). Nome comum ao luso-brasileiro, anteriormente utilizado por Curros e Anhom.

suxa (p. 305). É forma comum luso-brasileira (*suja*).

C) Conclusons

Umha vez analisado todo o repertório das formas "proibidas" em *Sempre en Galiza*, podemos concluir o seguinte:

- 1) Ainda que a teoria lingüística de Castelao defende a identidade idiomática galego-portuguesa, isto nom se reflecte numha praxe totalmente coerente com esses princípios. Evidentemente, estamos jogando com umha óptica bastante actualizada, que nos permite, aliás, um domínio lingüístico ao que, evidentemente, Castelao nom tivo acesso.
- 2) Apesar de todo, é de salientar o tremendo esforço pola sua parte e por outros escritores da época, por recuperarem formas perdidas ou quase perdidas na fala que, sem o seu concurso, nom estariam tam claramente recuperadas.
- 3) Hai umha série de formas que podemos constatar que se empregárom tanto no século passado como por parte de Castelao. Formam parte de um *continuum* que hai que ter em conta antes de afirmar que certas formas som impossíveis de recuperar, por estarem os espanholismos desde hai muito tempo introduzidos na fala. Em todo caso isto nom deixa de ser duplamente falso porque cremos que através da língua padrom se pode recuperar todo aquilo que se quíger e promocionar aquelas formas que interessarem.

(145) *Actas*, p. 512.

4) O oficialismo nom só nom compartilha as teorias políticas e lingüísticas de Castelao, senom que tamém nom é capaz de assumir umha normativa coerente que recupere todo o que é legitimamente galego e potencie aquelas formas mais próximas ou comuns à norma luso-brasileira.

Os que defendemos o reintegracionismo cremos que estamos da parte de Castelao, porque partimos dos seus pressupostos teóricos aplicando-os coerentemente à prática, à luz dos conhecimentos que temos na actualidade.

Na situação actual, de posições encontradas no que di respeito da normalização e normativização da língua, cremos tamém, como Castelao e Ganivet, que só hai umha maneira de chegar à fraternidade humana: afincando a personalidade de cada um e enlaçando as ideias diferentes pola concórdia, e as opostas pola tolerância.

Mas duvidamos muito de que o ideal de fraternidade (como os de liberdade, igualdade ou solidariedade) caiba dentro dos curtos parâmetros do oficialismo galego minifundiário, pois é impossível a concórdia quando se impede o mais mínimo diálogo e é inexistente a tolerância, quando por meios nepóticos, coercitivos e inquisitoriais se tentam impor as ideias dos que detentam o poder, afogando as legítimas discrepâncias dos que pensamos de outra maneira.